

ATITUDES E ESTEREÓTIPOS EM RELAÇÃO A VELHICE LGBT

ATTITUDES AND STEREOTYPES IN RELATION TO OLD AGE LGBT

José Victor de Oliveira Santos¹
Ludgleydson Fernandes de Araújo²
Fauston Negreiros³

RESUMO: A partir emergência social de discutir a velhice LGBT, aborda-se aqui as atitudes e estereótipos em relação ao tema. Encontrou-se assuntos direcionados a estereótipos e atitudes negativas, preconceito duplo, homofobia internalizada e dificuldade de acesso aos serviços de saúde, suporte psicossocial e invisibilidade do idoso LGBT.

Palavras-chave: Velhice LGBT; Atitudes; Estereótipos.

ABSTRACT: Starting from social emergency to discuss old age LGBT, we approach here the attitudes and stereotypes in relation to the theme. Subjects were addressed to stereotypes and negative attitudes, double prejudice, internalized homophobia and difficulty accessing health services, psychosocial support and invisibility of the elderly LGBT.

Keywords: LGBT old age; Attitudes; Stereotypes.

Introdução

O envelhecimento é um processo caracterizado por mudanças biopsicossociais que ocorrem durante todo o ciclo da vida e mesmo possuindo alguns traços significativos em cada fase do desenvolvimento, o envelhecimento ocorre de forma idiossincrática (NERI, 2014). A velhice é a última fase do envelhecimento e a pessoa que vive nesta fase é chamado de idoso, no Brasil, uma pessoa é considerada idosa quando possui 60 anos ou mais. Nas últimas quatro décadas, a velhice têm sido amplamente discutida

¹ Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí, UFPI; E-mail: victorolintos@hotmail.com

² Doutor em Psicologia pela Universidade de Granada, UGR; Professor permanente no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPI; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2, E-mail: ludgleydson@yahoo.com.br.

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará, UFC; Professor permanente no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPI; E-mail: faustonnegreiros@ufpi.edu.br



nas mais diversas ciências que permeiam a vida humana, enfatiza-se que antigamente o tema era abordado apenas pela ótica biológica, negligenciando-se dos atravessamentos psicológicos e sociais (SANTOS et al., 2016).

O grupo representado pela sigla LGBT que se refere a lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis e intersexuais, atualmente vivencia um panorama de mudanças sociais relacionados a conquista de direitos e desconstrução de tabus, e ao mesmo tempo, a propagação de discursos éticos e moralistas irrefletidos baseados em estereótipos negativos perpassados desde a antiguidade (SANTOS et al., 2018). Sabe-se que tanto as pessoas idosas quanto as pessoas LGBT vivem carregadas de atitudes e estereótipos na sociedade.

Os estereótipos são produzidos de acordo com a maneira que percebemos os contextos ao nosso redor, compreendendo-os e armazenando tais conhecimentos em nossas memórias, e estes são frequentemente acessados para que possamos interpretar o meio social, comportando-nos e interagindo a partir de como estes estão elaborados e organizados em nosso campo mental (VIEIRA, 2013). As atitudes surgem com processo de socialização, e estas podem ser esclarecidas como “sentimentos de pró ou contra pessoas e coisas com quem entramos em contato” (RODRIGUES et al., 1999, p. 97).

As atitudes são compostas por três componentes, o afetivo, cognitivo e comportamental; este modelo possibilita estruturar e compreender como se dá a formação de uma atitude (NEIVA; MAURO, 2015). De modo geral, as atitudes e estereótipos orientam os pensamentos e comportamentos; neste contexto, o presente estudo busca discutir sobre atitudes relacionadas a velhice LGBT utilizando-se do referencial bibliográfico produzido pelo tema. Devido à escassez de estudos direcionados a velhice LGBT, abordam-se inicialmente estes temas separadamente.

Atitudes frente à velhice, envelhecimento e idoso

A literatura acerca das atitudes sobre a pessoa idosa problematiza muitas questões direcionadas ao preconceito. Um estudo sobre estereótipos na velhice com estudantes universitários demonstrou nos resultados que os mesmos abordam o preconceito de forma sutil e



ênfatisam dados negativos atribuídos à sociedade (VIEIRA, 2013). A partir de uma análise textual do Estatuto do Idoso encontrou-se, em alguns recortes no texto, que a legislação caracteriza o idoso como uma pessoa dependente, limitada e que necessita de cuidados (JUSTO; ROZENDO, 2010).

Alguns estudos sobre velhice utilizam termos como “melhor idade” e “terceira idade”, e estes, provocam algumas críticas, primeiro por transmitirem uma imagem de suavização da velhice, segundo porque melhor idade não diz respeito a todos os idosos e grande parte vivenciam aspectos negativos da velhice (BARBIERI, 2012). De acordo com Araújo e Lucena (2005) o envelhecimento é um processo irreversível e a aceitação deste seria mais adequada do que a negação da velhice através de nomenclaturas suavizadas, afinal o uso delas já reflete o preconceito.

Um estudo buscou apreender as crenças coletivas sobre a pessoa idosa e encontrou palavras como dependente, inúteis, incapazes e doentes (VIEIRA; LIMA, 2015). O mesmo estudo, mas com análise a partir das crenças individuais demonstrou expressões sobre a necessidade de respeito, atenção e cuidados, e ainda que são pessoas experientes, guerreiras e exemplares. Torna-se demasiadamente complicado debater estereótipos negativos associados à velhice, sendo um desafio para os profissionais da gerontologia (TORRES et al., 2016).

Uma atitude comum no atendimento em saúde para pessoas idosas é a infantilização (CORRÊA et al., 2017). Outro fato é lidar com as mudanças da velhice a partir da expressão “são coisas da velhice” e muitas vezes podem ser características existentes em qualquer fase do desenvolvimento (DOMINGUES; QUEIROZ, 2000). Uma pesquisa aborda que durante o desenvolvimento as pessoas têm contato com estereótipos sobre a velhice e o envelhecimento e quando chegam na velhice acabam exibindo estigmas negativos (PEREIRA et al., 2018).

Sabe-se que quanto menor o contato com pessoas idosas maior será a probabilidade de atitudes voltadas para o preconceito, então, as relações intergeracionais resultam no compartilhamento de atitudes menos carregadas de estereótipos negativos (CHONODY et al., 2014). O idadismo e o ageísmo resultam em diferentes formas de preconceito, que muitas vezes são reforçadas pela mídia (VIEIRA, 2013). Neste contexto, é notório que a imagem da pessoa idosa se encontra atrelada à diversos estereótipos, preconceitos e atitudes negativas.



A gerontologia nos últimos anos vem trabalhando para a desmitificação de alguns tabus, enfatizando que o idoso de hoje em dia vive num contexto totalmente diferente do século passado, e neste ponto, que se aborda sobre a reinvenção da velhice e a propagação de hábitos saudáveis (SANTOS et al., 2016). Contrapondo as representações sociais negativas da velhice, um estudo aborda que idosos possuem resiliência para enfrentar de forma positiva aspectos negativos do envelhecimento (ARAÚJO et al., 2017).

Atitudes e estereótipos acerca da diversidade sexual

A população LGBT é um dos grupos que mais vivencia preconceitos, tabus e estereótipos, e não há nenhuma lei que assegure e respalde a integridade dos mesmos diante da LGBTfobia. De acordo com o relatório sobre violência contra pessoas LGBT, a cada 19 horas um LGBT é morto de forma violenta (GRUPO GAY DA BAHIA, 2017). Tais dados refletem a presença de preconceito sexual, atitudes negativas e estereótipos baseados em crenças moralistas, tradicionalistas e religiosas irrefletidas (SANTOS et al., 2018).

A homofobia incorpora as atitudes negativas direcionadas ao público LGBT que podem ser expressas de forma sutil ou flagrante (GATO; FONTAINE; CARNEIRO, 2012). Um estudo sobre homofobia internalizada confirma a influência da religião no autojulgamento da pessoa LGBT (CERQUEIRA-SANTOS et al., 2017). De modo geral, existem cinco crenças organizadoras sobre a homossexualidade, crenças religiosas, crenças ético-morais, crenças psicológicas, crenças biológicas e crenças psicossociais (LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002).

Um estudo feito a partir dos palavrões utilizados como *bullying*, falou sobre o termo “viado” que é costumeiramente utilizado como forma de ofender alguém (CRUZ, 2011). Outro estudo aborda que a homofobia dentro das escolas contribui para o fracasso escolar de pessoas LGBT (FERREIRA; FERREIRA, 2015). No contexto mulheres travestis e transexuais, um estudo demonstra três categorias que reproduzem preconceito, a família sendo o primeiro grupo que exclui, a escola como um local de reprodução de preconceito e discriminação e a rua que ampara e traz vulnerabilidades (SILVA; BEZERRA; QUEIROZ, 2015).



As discussões sobre família são amplas, envolvem as críticas sobre a formação de parentalidade LGBT, a rejeição familiar e a importância da família (SANTOS et al., 2018). A sociedade costuma associar pessoas LGBT ao HIV/AIDS, a tratar a homossexualidade e identidade de gênero como uma doença e muitas vezes a mídia é responsável pela reprodução do preconceito (CARDOSO; FERRO, 2012). Em alguns casos, a figura do homem gay é vista como uma pessoa alegre, divertida, afeminada (HENNING, 2017; SANTOS; ARAÚJO, 2018).

A população LGBT, devido à não adequação de gênero com o sexo biológico ou à orientação sexual, vive com os direitos humanos básicos comprometidos, e em muitos casos, está sujeita a condições de vulnerabilidades (CARDOSO; FERRO, 2012). Inúmeros são os tipos de atitudes e estereótipos direcionados a comunidade LGBT, e como o foco deste estudo é velhice LGBT, discutir separadamente as atitudes frente a estes dois grupos com vulnerabilidades é reconhecer que os mesmos estão marcados pelo duplo preconceito.

Atitudes e estereótipos frente à velhice LGBT

A partir da visualização das atitudes e estereótipos sobre a velhice e pessoas LGBT, entende-se que as características tendem a se manifestar conjuntamente quando o indivíduo é idoso LGBT. Um estudo de representações sociais aborda que devido a invisibilidade dos idosos LGBT, as pessoas ancoram e objetivam suas representações sociais a partir dos entendimentos compartilhados sobre idoso e pessoas LGBT (SANTOS; ARAÚJO, 2018). E, sabendo da dimensão de atitudes e estereótipos voltados a estes dois grupos, problematiza-se neste apartado o conteúdo abordado na literatura envolvendo a temática.

As pessoas tendem a justificar o preconceito na sociedade, mas nas representações individuais, demonstram favorabilidade e respeito a pessoas LGBT (SANTOS et al., 2018), e também com pessoas idosas (VIEIRA, 2013). Um dos estereótipos mais presentes nos estudos sobre velhice LGBT é o de solidão (SALGADO et al., 2017). Henning (2017), em seus estudos antropológicos com base em filmes, documenta que homens gays veem a velhice como algo aterrorizante, que se deve ao fato de uma inexorável imagem de solidão. A cultura heteronormativa presente na sociedade reproduz o preconceito de forma que alguns idosos vivam a sua velhice



sozinhos, e talvez por conta de uma ideia de solidão internalizada cognitivamente (PASSAMANI, 2013). Desta maneira, a solidão é trazida como o maior medo presente na velhice, tendo em vista que a solidão advém de inúmeras atitudes negativas emitidas pela sociedade e muitos LGBT preferem isolar-se para não sofrerem algum tipo de preconceito (LEAL; MENDES, 2017).

Os idosos LGBT dos dias de hoje vivenciaram uma juventude marcada pela repressão da orientação sexual e identidade gênero. Mota (2012) aborda que a norma heterossexista cisgênero causa desordem nas pessoas LGBT, tendo em vista a dificuldade em adequação a um padrão no qual um LGBT não se encaixa. As pessoas LGBT eram impostas aos padrões de gênero masculino e feminino, e estes deviam ser vivenciados por quem nascia no respectivo gênero. Obviamente, nos dias de hoje estes padrões heteronormativos cisgêneros ainda são pregados na sociedade, porém a dificuldade de vivenciar isto no século passado era maior.

Dos dispositivos sociais que reproduziam a patologização da homossexualidade e identidade transgênero, eis a religião, tradição, hábitos, sistema jurídico e ciências biomédicas (ANTUNES, 2017). A inexistência de redes de sociabilidade LGBT fazia com que as pessoas deste grupo tentassem se encaixar de uma forma procrustiana nos padrões heteronormativos cisgêneros. A família exercia um papel de delimitação das regras ditas “normais” sobre a sexualidade (HENNING, 2017). Se assumir ou ser descoberto pela família ocasionava conflitos por causa do preconceito e, em muitos casos, resultou no afastamento da família ou expulsão (MARQUES; SOUSA, 2016).

É neste contexto que surgiu na sociedade o termo “homofobia”, que se refere ao preconceito sexual direcionado a pessoas LGBT; utilizam-se, ainda, os termos LGBTfobia e preconceito sexual (GATO; FONTAINE; CARNEIRO, 2012), que podem ser emitidos em forma de atitudes, desprezo, ódio, aversão e agressão (ANTUNES, 2017). Destarte, o referido autor debate sobre a homofobia internalizada, concernindo a introjeção de preconceito negativo advindo da sociedade, e com isto, as pessoas LGBT tornam-se retraídas e carregadas de estigmas que os fazem negar a orientação sexual e/ou identidade de gênero. Com isto, muitos optavam por um casamento heterossexual para pudessem encobrir seus desejos homoafetivos (MOTA, 2012).



O machismo se encontra imbricado no preconceito sexual, pois prega-se a posição do homem na sociedade como macho, logo o gay afeminado, a lésbica masculinizada, as travestis e as pessoas trans que não se enquadram nesses padrões (ANTUNES, 2017). Os estigmas atrelados as pessoas LGBT dificultam as relações sociais, e tais estigmas advêm das atitudes negativas. Neste sentido, percebe-se a família como a melhor fonte de suporte psicossocial para enfrentamento do preconceito. Um estudo realizado em Portugal com idosos gays demonstrou que a aceitação da família proporciona efeitos positivos no envelhecimento (LEITE, 2014). A autora enfatiza que mesmo que a rejeição familiar confirme o sentimento de estigmatização do idoso LGBT, os mesmos abordam que puderam desenvolver performances sexuais que não seriam possíveis se vivessem com a família, afinal mesmo que fossem assumidos, a família tende a condenar as práticas LGBT.

Ao falar sobre a experiência de envelhecer, é comum que idosos LGBT falem sobre uma tríade de dificuldades: o aceite de si mesmo, o aceite do outro e o medo do futuro, os quais ocasionavam o que se entende por negação da identidade sexual (SANTOS et al., 2018). A negação surge da internalização do preconceito sexual (ANTUNES, 2017), do medo de sofrer preconceito, do receio de ser agredido, dos pensamentos e desejos incompreendidos. O preconceito intragrupo LGBT existe: Santos e Lago (2013) falam sobre a homonormatividade, isto é, um padrão LGBT socialmente aceito pelo grupo.

Quando esses padrões LGBT são ameaçados pelas mudanças advindas com o processo de envelhecimento ocorre a negação da velhice: os idosos buscam para si artefatos que os deixem com aparência jovem (SANTOS et al., 2017). O corpo do idoso não se adequa à homonormatividade, “o que vem sendo valorizado na atualidade é a juventude, esta simbolizando beleza, atratividade, força, adaptabilidade, criatividade, produtividade, consumo, esperteza, agilidade, versatilidade e rapidez” (ANTUNES; MERCADANTE, 2011, p. 118). Em um estudo de representações sociais da velhice LGBT, evocou-se o sentido do declínio das atividades psicomotoras como um fator de risco da velhice, associado à presença de estereótipos negativos nesta fase do desenvolvimento (SALGADO et al., 2017).



É neste contexto que a presença do duplo preconceito se manifesta na sociedade quando se pensa em idoso LGBT (SANTOS et al., 2017). Na visão do idoso LGBT, o duplo estigma (MOTA, 2012): muitos idosos que passaram a vida negando sua identidade sexual, agora negam a velhice como uma forma de evitar os estereótipos advindos dos protótipos de ser idoso e ser LGBT. Diante deste panorama de atitudes sobre a velhice LGBT, sabe-se da invisibilidade deste grupo. A invisibilidade surge das dificuldades sentidas pelos idosos LGBT em frequentar espaços públicos, da incidência de homicídio e suicídio de pessoas LGBT (SALGADO et al., 2017). As atitudes, estereótipos, estigmas e o preconceito são dados que estão sendo discutidos de uma forma ampla nas ciências sociais, porém a sociedade ainda trata assuntos voltados à população LGBT como um tabu, e isso reforça a invisibilidade do idoso LGBT.

Um estereótipo que pessoas LGBT utilizam para falar dos idosos LGBT é o termo “maricona”. As nomações referem-se também à forma de classificar o idoso LGBT a partir da sua aparência. Outros termos para designar idosos LGBT são “tiozão, paizão, daddy, cacura, tia, tia velha, bicha velha, irene, as quais tendem, de distintas maneiras, a posicionar, classificar e disciplinar as subjetividades” (HENNING, 2014, p. 40).

Diante de todo este panorama de atitudes e estereótipos voltados para a velhice LGBT, uma possível forma de trazer visibilidade para este público seria a elaboração de políticas públicas, como educação em saúde e intervenções psicossociais para a redução do preconceito (ARAÚJO, 2016). As discussões baseadas na desconstrução dos estereótipos da velhice LGBT são assuntos recentes, mas espera-se que ocasione melhorias nas condições de vida deste grupo.

Quanto à questão de políticas públicas, enfatiza-se a imagem de dificuldade, o preconceito da sociedade e a importância de possuir recursos financeiros próprios para se ter qualidade de vida (SANTOS; ARAÚJO, 2018). Estigmas e discriminação são considerados alguns dos principais motivos da não procura dos idosos LGBT aos serviços de saúde (ARAÚJO; FERNANDEZ-ROUCO, 2016; SANTOS et al., 2017). O grupo idoso LGBT possui especificidades nos cuidados da saúde: as idosas trans e lésbica, mesmo sendo mulheres, possuem aspectos peculiares de sua sexualidade, assim com idosos gays, bissexuais e transgêneros. Mesmo que haja a política nacional de saúde LGBT, as atitudes profissionais devem ser adequadas na



prática, os serviços de saúde na atualidade reforçam o sentimento de desamparo e preconceito sentido por idosos LGBT (SALGADO et al., 2017).

Considerações finais

Essas considerações finais abordam uma conclusão de todo o arcabouço teórico sobre a velhice LGBT, mas uma conclusão sem finalizar, afinal há uma necessidade de explorar cuidadosamente este fenômeno que está em expansão na atualidade. Neste sentido, este trabalho buscou dialogar sobre atitudes, estereótipos, estigmas e preconceito sexual sobre esta temática pouco discutida nas ciências sociais e biológicas. Foi possível colocar em pauta os principais assuntos voltados para a velhice LGBT, com o intuito de quebrar os tabus existentes na sociedade.

A sexualidade do idoso é tida como inexistente, mas pelo fato de pessoas mais jovens tratarem o tema por um viés biológico, em que o processo de envelhecimento proporciona algumas perdas funcionais. E ainda, têm-se o idoso a partir de uma visão de pureza, que quando se soma à questão de ser LGBT aumenta a negligência social em reforçar estigmas que causam a homofobia internalizada.

A invisibilidade do idoso LGBT advém da discriminação social que resulta no isolamento, na mortalidade precoce, na falta de acesso à saúde. Ser idoso LGBT é conviver com preconceito intragrupo, em que muitas pessoas LGBT mais jovens têm a visão de que os idosos LGBT ou mariconas estão em busca de sexo utilizando-se de dinheiro. Em alguns casos, idosos LGBT foram expulsos de casa e formaram outras famílias, tendo que viver numa sociedade que discrimina as famílias homoparentais.

Espera-se que o presente artigo possibilite novas indagações sobre o tema, que sejam realizados estudos experimentais nos mais diversos contextos da sociedade. A necessidade de políticas públicas específicas para idosos LGBT também se faz necessário em meio a toda a diversidade sexual. E que a expectativa de vida de idosos LGBT se eleve, a qualidade de vida, o suporte psicossocial e haja equidade nos direitos para todos. A psicologia social tem um papel importante na desconstrução de mitos e estereótipos irrefletidos que são compartilhados na sociedade.



Referências

ANTUNES, P. P. S. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 20, n. 1, p. 311-335, 2017.

ANTUNES, P. P. S; MERCADANTE, E. F. Travestis, envelhecimento e velhice. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 14, p. 109-132, 2011.

ARAÚJO, L. F. Aspectos Psicossociais da Velhice LGBT. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 2, p. 359-361, 2016.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes. Aspectos Psicossociais da Velhice LGBT. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 2, p. 359-361, 2016.

ARAÚJO, L. F; CARVALHO, V. A. M. L. Aspectos sócio-históricos e psicológicos da velhice. **Mneme-revista de humanidades**, v. 6, n. 13, 2005.

ARAÚJO, L. F; FERNANDÉZ-ROUCO, N. Idosos LGBT: Fatores de Risco e Proteção. In: D. V. S., Falcão; L. F. Araújo; J. S. Pedroso. (Orgs). **Velhices: Temas Emergentes nos Contextos Sociofamiliar, de Saúde Mental, Cuidado e Violência**. 1ed. Campinas-SP: Editora Alínea, 2016, p. 22-32.

ARAÚJO, L. F; SILVA, R. J. S; SANTOS, J. V. O. Resiliência e Velhice: um estudo comparativo entre idosos de diferentes níveis socioeconômicos. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 20, n. 1, p. 389-407, 2017.

BARBIERI, N. A. Velhice: melhor idade. **O mundo da saúde, São Paulo—2012**, v. 36, n. 1, p. 116-119, 2012.

CARDOSO, M. R; FERRO, L. F. Saúde e população LGBT: demandas e especificidades em questão. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 32, n. 3, p. 552-563, 2012.

CERQUEIRA-SANTOS, E; SÁ, C. A; NUNES, L. M; SILVEIRA, A. P. Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto , v. 25, n. 2, p. 691-702, jun. 2017.

CHONODY, J. M. WEBB, S. N; RANZIIN, R; BRYAN, J. Working with older adults: Predictors of attitudes towards ageing in psychology and social work



students, faculty, and practitioners. **Australian Psychologist**, v. 49, n. 6, p. 374-383, 2014.

CRUZ, A. R. Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão. Seu uso na educação sexual escolar. **Educar em Revista**, v. 27, n. 39, p. 73-85, 2011.

DOMINGUES, M. A. R; QUEIROZ, Z. P. V. Atitudes, mitos e estereótipos relacionados ao envelhecimento e sua influência no atendimento domiciliário. In: DUARTE, Y. A. O; DIOGO, M. J. D. **Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico**. São Paulo, Atheneu, 2000.

FERREIRA, C. C; FERREIRA, S. P. A. Vivências Escolares de Jovens Homossexuais Afeminados: Estratégias de Resistência e Permanência. **Tópicos Educacionais**, v. 21, n. 2, 2017.

GATO, J; FONTAINE, A. M; CARNEIRO, N. S. Multidimensional scale of attitudes toward lesbians and gay men: Construction and preliminary validation. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 22, n. 51, p. 11-20, 2012.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB) (Org.). Mortes violentas de LGBT no Brasil: **Relatório 2017**. Salvador, 2017.

HENNING, C. E. **Paizões, tiozões, e tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo**, 2014. (Tese de doutorado), Universidade de Campinas, São Paulo.

JUSTO, J. S; ROZENDO, A. S; CORREA, M. R. O idoso como protagonista social. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 21, n.48, p. 39-53, jul. 2010.

LACERDA, M; PEREIRA, C; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 15, n. 1, p. 165-178, 2002.

LEAL, M. G. S; MENDES, M. R. O. A Geração duplamente silenciosa-velhice e homossexualidade. **Revista Portal de Divulgação**, n. 51, 2017.

LEITE, I. M. **Envelhecimento homossexual: preocupações, anseios e preconceitos sentidos**. 2014. (Dissertação de mestrado), Instituto Superior de Serviço Social do Porto, ISSSP, Portugal.



MARQUES, F. D; SOUSA, L. Portuguese Older Gay Men: Pathways to Family Integrity. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 26, n. 64, p. 149-159, 2016.

NEIVA, E. R; MAURO, T. G. Atitudes e mudança de atitudes. **Psicologia social: principais temas e vertentes**, p. 171-203, 2011.

NERI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2014.

PASSAMANI, Guilherme. Uma montanha, dois caubóis e um segredo: um debate sobre gênero e masculinidades. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 7, n. 10, 2013.

PEREIRA, D; PONTE, F; COSTA, E. Preditores das atitudes negativas face ao envelhecimento e face à sexualidade na terceira idade. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 36, n. 1, p. 31-46, 2018.

RODRIGUES, A; ASSMAR, E. M. L; JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SALGADO, A. G. A. T; ARAÚJO, L. F; SANTOS, J. V. O; JESUS, L. A; FONSECA, L. K. S; SAMPAIO, D. S. Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. **Ciencias Psicológicas**, v. 11, n. 2, p. 155-163, 2017.

SANTOS, D. K; LAGO, M. C. S. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, n. 15, 2013.

SANTOS, J. V. D. O.; ARAÚJO, L. F. D.; NEGREIROS, F.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Adoção de crianças por casais homossexuais: as representações sociais. **Trends in Psychology**, v. 26, n. 1, p. 139-152, 2018.

SANTOS, J. V. O; ARAÚJO, L. F. **Análise psicossocial da velhice LGBT: Um estudo das representações sociais**, 2018. (Trabalho de conclusão de curso), Universidade Federal do Piauí, UFPI, Parnaíba, Piauí, Brasil.

SANTOS, J. V. O; ARAÚJO, L. F; CARDOSO, A. C. A. Gerontologia e políticas Educacionais: Aspectos históricos e construtos em formação. In. F. NEGREIROS; A. M. P. M. SILVA. (Orgs). **Políticas educacionais e escolarização em diferentes contextos**. Teresina: EDUfpi, 2016, p. 330-342.



SILVA, R. G. L. B; BEZERRA, W. C; DE QUEIROZ, S. B. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. 3, p. 364-372, 2015.

TORRES, T. L; CAMARGO, B. V; BOUSFIELD, A. B. S. Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etários. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 32, n. 1, 2016.

VIEIRA, R. S. S. **Estereótipos e preconceito contra idosos, 2013**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.

VIEIRA, R. S. S; LIMA, M. E. O. Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 947-958, 2015.

Recebido: 27/05/2018

Aceito: 02/07/2018

